

O PROTAGONISMO DA CRIANÇA: A IMPORTÂNCIA DA RODA INICIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Gabriele dos Santos Azevedo¹

Edla Cristina Sarmento Costa da Silva²

Orientadora: Prof. Ms. Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo³

INTRODUÇÃO

A criança, passou a ser entendida como um sujeito histórico e social a partir do século XX, quando se tornou objeto de estudo das ciências. Com isso, enfatizamos que em nossa pesquisa, compreendemos as crianças como: sujeitos (Inter)ativos, produtoras de cultura, dialéticas, sociais, que possuem – de forma própria – particularidades e sensibilidades específicas. Dessa maneira, buscamos observar em nossos estudos o protagonismo da criança em um momento específico da sua rotina escolar: a roda inicial, para melhor compreendemos a importância de uma educação com o olhar voltado para a criança. De acordo com Azevedo (2016, p. 15 apud SARMENTO, 2007, p. 45), os “[...] aspectos epistemológicos que se encontram em jogo na investigação dos mundos sociais da infância e contrapor: ao entendimento das crianças como objetos de conhecimento social, a perspectiva das próprias crianças como sujeitos do conhecimento”.

Com base nisso, evidenciamos que o nosso estudo está em torno do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, contemplando as turmas de: 1º ano, crianças de seis a sete anos de idade; e, 3º ano, crianças de 8 a 9 anos de idade. A BNCC⁴ (2017, p. 59), discorre sobre a importância de se dar uma continuidade ao trabalho desenvolvido na Educação Infantil, de modo que haja uma continuidade dos conhecimentos, que se destinam a ampliação da “[...] autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente”.

Nessa perspectiva, em conformidade com o DCNEI⁵ (BRASIL, 2010, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, reconhecemos a criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, 12).

Nesse contexto, compreendemos a necessidade de enxergar e tornar a criança protagonista em seu processo de construção de conhecimentos, ou seja, entender que a criança é autônoma, liberta e responsável, uma vez que, coletivamente, traz para sala de aula seus saberes, bem como suas curiosidades/inquietações. Com base nisso, em relação a esse período

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, gabrieleazevedo13@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, edlasarmento@gmail.com;

³ Professora Mestre do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, barbaracoutinho02@hotmail.com.

⁴ Base Nacional Comum Curricular.

⁵ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais, destacamos que o documento do Ensino Fundamental de Nove Anos (2007, p. 8), traz que:

A criança de seis anos de idade que passa a fazer parte desse nível de ensino não poderá ser vista como um sujeito a quem faltam conteúdos da educação infantil ou um sujeito que será preparado, nesse primeiro ano, para os anos seguintes do ensino fundamental. [...] essa criança está no ensino obrigatório e, portanto, precisa ser atendida em todos os objetivos legais e pedagógicos estabelecidos para essa etapa de ensino.

No entanto, é importante relatar, que tornar a criança protagonista do processo de ensino-aprendizado, não significa abordar tudo que se é compartilhado por elas, e sim, mediar, filtrando aquilo que de fato oportuniza uma aprendizagem significativa para as mesmas. Portanto, o objetivo da pesquisa é observar como se dá o processo de protagonismo infantil nas interações cotidianas da escola, em especial a sala de aula e o momento da roda inicial, com crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI – CAp/UFRN.

METODOLOGIA

Em nossa pesquisa, utilizamos como metodologia, estudos e reflexões em torno de literaturas teórico-metodológicas, que trazem a criança como sujeito social, histórico e dialético, como: CORSINO (2006), FRANCO (2006), KRAMER (2006), entre outros.

Nosso estudo, surgiu durante o projeto de pesquisa “Ser e Estar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: o que dizem as crianças?”⁶, que tem como pressuposto a criança como sujeito social, histórico e capaz, na qual é evidenciado a importância do ouvir, valorizar e respeitar o que as crianças dizem. E ainda, tomamos como norte, as nossas observações nas turmas do 1º ano e 3º ano do Ensino Fundamental I, do NEI – CAp/UFRN, lócus da nossa pesquisa, com registros em diário de campo.

Nosso olhar investigativo se dá a partir das interações que acontecem num dia letivo “típico”, com toda a rotina proposta para o dia em questão. Acompanhamos todas as atividades previstas e participamos efetivamente do momento da roda inicial, ouvindo e compartilhando deste momento. Para isso buscamos compreender que, “Mais do que “dar voz” trata-se então, de escutar as vozes e observar as interações e situações, sem abdicar do olhar do pesquisador, mas sem cair na tentação de trazer os sujeitos apenas a partir desse olhar” (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 95).

Nessa perspectiva, compreendemos que esse assunto se estrutura a partir de estudos e observações, e por isso, tem um caráter de natureza qualitativa, pois consideramos todo o processo de construção importantes, concebemos, portanto, que há sempre algo por trás dos dados, ou seja, sempre há um sujeito, uma história (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008).

DESENVOLVIMENTO

Boa parte de sua infância a criança divide com a escola, entende-se que “[...] a noção de infância não é natural, mas profundamente histórica e cultural” (FRANCO, 2006, p. 30 apud SOUZA, 2000, p. 91) e nesse espaço múltiplo a mesma vivencia diversas fases, na qual, está implícito o seu protagonismo, através de “[...] atividades educacionais e socioculturais favorecedoras de iniciativa, autonomia e protagonismo social dos estudantes” (BRASIL, 2013,

⁶ Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido no NEI – CAp/UFRN.

p. 200). Permitindo que essa "voz" seja ouvida, refletida e respeitada, tornando-os então, agentes transformadores de seu meio social.

É bem verdade, que existem escolas que não possuem um olhar voltado para a criança, no entanto, os documentos oficiais (DCN, 2013; BNCC, 2017), retratam a importância de trazer o cotidiano do aluno para a contextualização de conteúdos, para que assim, a criança possa atribuir sentidos, em que sejam evidenciados o seu protagonismo na construção de suas aprendizagens (BRASIL, 2017, p. 15).

O DCN⁷ (BRASIL, 2013, p. 431), aponta que:

Além disso, esses estudantes deverão ter conhecimento da sociedade mais ampla, [...] a fim de participar de uma formação capaz de oportunizar o desenvolvimento das capacidades de análise e de tomada de decisões, resolução de problemas, flexibilidade, [...] aprendizado de diversos conhecimentos necessários ao aprofundamento das suas interações com seu grupo de pertencimento.

Dessa maneira, o protagonismo se dá através da verbalização de suas ideias e vontades, das suas interações com o meio e o outro, de suas atitudes, do compartilhamento de saberes, enfim, de todas as ações que são inerentes ao ambiente escolar e sua vida social.

Dentro das atividades curriculares do NEI – CAp/UFRN, existe a rotina, esta é voltada para a organização do tempo e do espaço da criança na escola, em que o objetivo se destina a possibilitar para as crianças, em seus diversos momentos, a autonomia, a segurança e o conhecimento dos espaços/tempos que existem no ambiente escolar. Em relação a essa organização da rotina, Barbosa e Horn (2001), nos afirma que

A forma de organizar o trabalho deve possibilitar o envolvimento das crianças em sua construção. [...] Nas maiores, é possível dialogar e compartilhar combinações. A ideia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67-68).

Com isso, percebe-se a importância de incluir a criança nesse momento de estruturação da rotina, mantendo-a ciente do que vai acontecer no dia, enfatizando cada momento, para que ela possa entender que é parte e se sentir segura com o que é construído. Na estruturação da rotina do NEI – CAp/UFRN, é evidenciado uma sequência de momentos, esses sendo: roda inicial, atividade, lanche, parque, hora da história, atividade e roda final, em que se é observado as necessidades, curiosidades e interesses da turma para se dar andamento às atividades da rotina.

Nesse sentido, escolhemos observar de forma mais aprofundada, o momento da roda inicial, pois no processo de organização do pensamento em torno da rotina, é um dos momentos em que está evidenciado a criança enquanto protagonista, através do seu espaço/tempo de fala, o que contribui no processo de ensino-aprendizado. Esse momento, pode estar estruturado de diversas formas, sendo elas: uma roda de conversa, de novidades, de músicas, entre outros; na qual é possibilitado às crianças se expressarem e interagirem com os sujeitos desse meio, sejam crianças ou adultos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁷ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

O nosso estudo encontra-se em andamento, tendo em vista que faz parte de uma pesquisa maior. Em nossas observações, foram muitos os momentos observados desse protagonismo, o qual foram registrados em diário de campo. A roda inicial em média leva em torno de 30 a 40 minutos para finalizar, nesse tempo, observamos, o respeito a fala do outro, o alvoroço na fala, a ansiedade em noticiar algo, a reflexão da fala do colega ou do professor, as questões que surgiam a partir de um assunto trazido por alguém desencadearam em outras temáticas, o que muitas vezes fazia desse momento algo mais extenso, a tempestade de ideias é enorme e isso torna-se ferramenta para conversas e estudos posteriores. Com isso, em um dos registros no diário de campo, relatamos algumas falas como exemplo desses registros: “O que você já escreveu?”, pergunta uma criança. Logo em seguida ela fala: “Me entrevista!”. Nesse momento, foi explicado para a criança que aconteceria um sorteio para ver quem seria entrevistado. E ela responde: “Não me sorteia, eu sou muito azarada em sorteio”.

Por isso, reconhecemos a importância da roda inicial, como um momento que possibilita a organização do pensamento e da linguagem oral da criança, oportuniza à criança ser (Inter)ativa, de modo que ela, produz e atribui significados próprios às coisas que estão ao seu redor, sendo um sujeito dialético, ao passo que transforma e é transformado por meio de suas interações sociais, com isso, “[...] a palavra é signo ideológico. Como signo, a palavra (o discurso) adquire sentidos diversos, dependendo das histórias de quem fala, de acordo com a História que a circunda” (BARBOSA; SILVA; KRAMER, 2008, p. 93 apud BAKHTIN, 1988).

Trazemos, portanto, a necessidade de se ter o momento da roda inicial todos os dias na rotina da escola, é estruturante e norteadora das atividades que estão por vir e também é uma oportunidade de modificar algo, de acordo com o que as crianças encaminham naquele instante, respeitando sempre, as opiniões delas. Com isso, Corsino (2006), enfatiza que

[...] conhecer a criança implica observar suas ações-simbolizações, o que abre espaço para a valorização de falas, produções, conquistas e interesses infantis e faz da sala de aula um espaço de socialização de saberes e confronto de diferentes pontos de vista – das crianças, do professor, dos livros e de outras fontes – fazendo o trabalho se abrir ao novo, inédito, imprevisível e surpreendente. (CORSINO, 2006, p. 62).

Desse modo, os professores precisam estar atentos às expressões das crianças, valorizando-as e respeitando-as como sujeitos capazes, e de acordo com Kramer (2006, p. 15), entendendo-as como “[...] sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas”.

Todo esse movimento é conduzido pelo professor, sendo um grande mediador dessas palavras e assuntos, estando atento e sensível para captar as histórias plurais e ajudar no processo de atribuição de significado que pode ser individual ou coletivo, nesse sentido, cabe ao professor fazer a

[...] mediação de cada momento do processo por meio de planejamento e organização de propostas (de ação, representação e tomada de consciência), pesquisa de fontes para subsidiar o trabalho, conhecimento dos conteúdos, observação e reflexão sobre os objetivos que devem ser necessariamente trabalhados [...]. (CORSINO, 2006, p. 66).

Nessa perspectiva, oportunizar a roda inicial permite diálogos, interações, expressões, combinados, pontos de vista, ideias contrárias, argumentações, conhecimentos diversos, na qual as crianças se apropriam, cada vez mais, desse protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa vem possibilitando adentrar no universo de crianças, pensantes, participativas, críticas e reflexivas, detentoras de seu poder de fala e pensamento. Perceber a propriedade que as mesmas possuem em narrar fatos, acontecimentos, ou até mesmo, discutir um assunto atual, nos faz pensar que dentro de uma estrutura, inicialmente pensada pelo professor, a criança é o centro e, por isso esse espaço, nomeado de roda inicial, de novidades etc., se constitui como oportunizador tanto para as crianças, como para os adultos em estruturar o andamento das atividades que tomam, em alguns casos, outros caminhos que, inicialmente, não foram pensados.

Instigante observar a dinâmica e a velocidade que as coisas acontecem e mudam de rumo, através da mediação do professor, que de repente problematiza uma fala e leva a turma inteira a refletir, buscando soluções ou novos questionamentos que vão surgindo, é algo cíclico. Nota-se também um espaço de aproximação entre os envolvidos, alunos e professores, cada um nesse momento permite se conhecer e conhecer o outro, tornando a relação entre todos mais próxima. Ressaltamos ainda, que esse momento, de fato, acontece em roda, todos sentados no chão sem qualquer distinção, o que nos passa a ideia de igualdade, sem hierarquização entre os envolvidos.

Demanda ainda dos professores a apropriação do universo das crianças, o que elas gostam, o que assistem, do que estão falando, pois, assim tornam-se ainda mais próximos, falando a mesma "língua", despertando o interesse das crianças em conversar sobre os mais diversos assuntos. Dessa maneira, destacamos que o corpo falou evidenciando e potencializando o discurso de cada um dos envolvidos. Podemos afirmar que a roda inicial é muito esperada pelas crianças e pelos adultos, pois é um momento rico de aprendizagens significativas.

Portanto, consideramos a roda inicial, um momento estruturante e, essencial para a construção dos conhecimentos das crianças, através da dialogicidade que acontece entre todos os envolvidos, frisamos ainda, que essa atuação da criança também acontece em outros momentos da rotina e nos diversos espaços da escola.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Bárbara Raquel Coutinho Toscano. Ler é poder saber o que a gente não sabe: sentidos da leitura para crianças da educação infantil. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BAKHTIN, MIKHAIL. Estética da criação verbal. In: BARBOSA, Silvia N. F.; SILVA, Juliana P. da.; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARBOSA, Silvia N. F.; SILVA, Juliana P. da.; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Silvia H. V. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2010.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2017.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: Ensino Fundamental de nove anos; orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

FRANCO, Márcia Elizabete Wilke. Compreendendo a infância. A cumplicidade da escola com o conceito de infância. In.: Compreendendo a infância como condição de criança. Cadernos da Educação Infantil, v.11, 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: Ensino Fundamental de nove anos; orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.